

Sobre as múltiplas luas do céu^[1]

Ana Regina Morandini Caldeira^[2]

RESUMO: A autora traz sua relação clínica com uma criança, fazendo referência ao trabalho de Thomas H. Ogden intitulado “Sobre três formas de pensar”. A partir de um trânsito ao pensamento “mágico”, “onírico” e “transformativo”, vai tecendo sua relação analítica, referindo que aos encontros não se consagram lugares de certeza, mas sim de esperança e compartilhamento. Sugere acolher a ideia de que o autêntico pensamento não deixa imune aquilo que se sonha, e vice-versa.

PALAVRAS-CHAVE: pensamentos, sonhos, construções

1. Trabalho apresentado em Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) no dia 31 de maio de 2023.

2. Psicóloga. Membro efetivo da SBPRP.

Cambiante

Brincalhona. Sem nenhum pudor constrangido, mostrava-se a mim e se escondia, revelada a súbita intimidade. A lua estava disposta à delicadeza do desvendamento, quando me apareceu em uma janela do avião, tão luminosa ao meu lado. Cheia, branca, inteira, dourava um pequeno retângulo quase coberto por total sombra. O prazer estético de vê-la vinculava-se à minha capacidade de tolerância da beleza que continha tal mistério.

Não são todas iguais, as luas. Algumas permanecem nebulosas, outras são redondas e fixas, tem também as minguantes, as de São Jorge e aquelas que desvelam e surpreendem em suas aparições. A que brincava comigo era desta última disposição, mudando de lugar subitamente, aparecendo e sumindo, dançando na janela conforme o movimento que a aeronave fazia. Desconsiderei questões da física mecânica e me ative à cinemática. Desacatei também qualquer receio diante de voos em volumosas altitudes e apreciei sonhar com minha companheira de viagem.

Pensei então sobre o quanto as luas se assemelham aos pensamentos, tão cambiantes que são.

Essa que fazia um ritual de bordado em minha janela, na noite escura e voo longo acima do mar, me contava sobre quanto o pensamento é fugaz e muda de feições. Brincava de esconde-esconde, se revelava e se esvaía. Pedia o onírico, e a presença de uma relação habilidosa em sonhos e afetos.

Ogden (2012), em seu belíssimo trabalho “Sobre três formas de pensar”, nos traz suas reflexões a respeito do pensamento e sentimento “mágico”, “onírico” e “transformativo”. E observa que não existe um deles em estado puro, assim como não há relação linear ou progressiva entre eles, e sim uma tensão dialética. Como a lua, que parece estática e única, mas acabava por ser dançante e múltipla.

Sabemos que a psicanálise contemporânea se atém mais aos processos de pensar, sonhar e brincar, e menos aos significados destes. Mais precioso é olhar para a forma do pensamento do que para aquilo que se pensa. Mais expressivo ainda é viver um sonho-a-dois.

Assim eu sentia, ao estar diante do arremate com condão de fadas que a lua fazia em minha brecha de vidro. Refletia sobre a diversidade e a riqueza das possibilidades do pensar analítico e suas construções transformadoras junto aos nossos analisandos.

Um esboço sobre as três (ou mais) formas de pensamento

Tendo a lua
 Aquela gravidade onde o homem flutua
 Merecia a visita não de militares
 Mas de bailarinos, e de você e eu.

– Herbert Vianna e Teresa Tillett, “Tendo a lua”

A observação do pensar-sentir humano, psicanaliticamente falando, centrou-se inicialmente nas angústias e em suas conseqüentes defesas. Principiou a partir de uma visão espacial e estrutural da mente, com a ideia de um acúmulo de energia represada e seus sintomas como forma de elocução. Definiu tanto a presença quanto a possibilidade limitada de desvendamento do inconsciente, cujo conceito complexificou a razão. Posteriormente, foi para as fantasias primitivas, as figuras boas e más, os impulsos libidinais e agressivos presentes desde o início da vida. A partir de então, a ênfase se deu mais à capacidade de brincar, e menos ao brinquedo. Até chegar à expressão do não representado, com os pensamentos buscando por um pensador, ou mesmo aqueles *pensamentos selvagens* e irrastráveis.

Entendo que essa construção, a muitas mãos – Freud, Klein, Winnicott, Bion e tantos outros mais –, nos trouxe até aqui. Porém, não nos surpreende que, se observarmos bem, havia uma versão da psicanálise, desde sua base, referente a algo da ordem do inesperado, gerador e ávido por transformação. Freud, em uma de suas comunicações com Ferenczi, disse que não se deve fazer teorias, mas que elas deveriam cair em nossas casas assim como hóspedes que não foram convidados, num estado de *atenção flutuante* (Freud & Ferenczi, 1994). Bion (1970/2006) continua esse diálogo, dizendo que *sem memória e sem desejo* é que nos encontraríamos com a emoção, a efetiva base do pensamento. Somos, posteriormente, inspirados por Ogden (2010) a sonhar pelo analisando aquilo que ele não consegue sonhar sozinho.

Tem a psicanálise, desde o seu início, uma força transformadora, em que a vinculação é protagonista principal, geradora de algo da ordem da paixão.

De certa forma, sabemos que a arte, assim como os sonhos, é essencial à vida humana. Cabe, por ora, uma indagação: se o nosso ofício é a construção de pensamentos-sonho junto aos nossos analisandos, seria ele mais próximo de uma realização artística do que do vértice do entendimento científico-racional?

Parece que os poetas nos auxiliam nesse questionamento, com desenlace afirmativo, quando falam sobre a complexidade e subjetividade desse tema. Ao sugerirem que a dúvida possa ser aquilo que melhor nos representa na forma do pensar, e que o pensamento acaba por ser a maneira suprema de fugir dele próprio.^[3] Ou, mesmo, que nossa essencial localização se encontra atrás daquilo que fica mais atrás do pensamento.^[4] Até chegarmos à conjectura de que os pensamentos sejam compartilhados, ou estejam em estado esvoaçante da cabeça de um indivíduo para a de outro.^[5]

Atualmente, acreditamos, com inspiração nos autores Ogden, Ferro, Baranger, Winnicott e Civitarese, que o pensar se dá a partir de uma construção intersubjetiva

3. “Duvido, portanto, penso ... O pensamento ainda é a melhor maneira de fugir ao pensamento” (Pessoa, 2006).

4. “Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar” (Lispector, 1973/2020).

5. “Tem pensamentos que esvoaçam pela cabeça de um, tão ligeiro e tão sem calcar verdadeiramente, que parecem pensados por outra pessoa” (Rosa, 1960/1994).

e vai sendo inventado, achado, construído, na relação com cada paciente, através dos pictogramas em narrativas oníricas, dentro do campo analítico, em específico no espaço do brincar.

Por ser tão vasta e plural nossa bagagem diante do pensar, chegamos à derradeira questão: de quantas luas se constitui nosso céu? Seria ele semelhante ao céu de Saturno, com suas 82 luas?

Ogden (2012), em seu artigo que embasa minha escrita, nos traz três formas básicas do pensar. Acredito que entre essas três maneiras se apresentem espectros, áreas de cesuras e intersecções, cujos pensamentos sejam múltiplos e metamorfoseados, nos trazendo um convite a flutuar junto aos nossos analisandos em áreas movediças.

Segundo o que nos conta esse autor, o pensamento “mágico”, que seria mais propriamente um *antipensamento* ou uma subversão do pensamento, se apoia em fantasias de onipotência em busca da criação de uma realidade ilusória para evadir-se da própria experiência. Complementa dizendo que, na medida em que a realidade contém uma carga de perturbação significativa, há a criação de um caldo propício à fuga do enfrentamento da verdade das vivências externas e internas, contexto esse em que nada é construído. Tal fato evoca a perda do recurso de aprendizagem com a experiência e a conseqüente ausência do crescimento psicológico.

Há, nesse formato, um extravio da consciência de si próprio e degradação da distinção entre sonho e percepção, símbolo e simbolizado. Nesse cenário, ameaçadores se tornam as surpresas emocionais e os encontros com o inesperado.

A preponderância da objetividade minimiza as experiências subjetivas, convertendo-as em fatos, suscitando sensação de controle, triunfo ou desprezo sobre o objeto faltante.

Não obstante, sabemos que a lua merece a visita não só de “militares, mas de bailarinos”, e por isso, no que tange à outra forma de pensamento, o “onírico”, a capacidade de sonhar estaria inserida na vida de forma mais profunda e criativa. Encontra-se aqui espaço para aquilo que é da ordem do perturbador e dançante. O mundo interno se apresenta sob múltiplos pontos de vista, o que propicia conversas do sujeito com os tantos aspectos diversos que o compõem.

Essa capacidade permite o auxílio de outra pessoa para gerar sonhos ainda não sonhados, transformando, assim, o pensador-sonhador.

Já o pensamento “transformativo” assemelha-se a um pensamento “onírico”, porém com diferença radical deste no que tange a novos modos de vivenciar as experiências. Essa possibilidade gera tipos de sentimento, maneiras de relação de objetos e qualidades de ser antes inéditos.

Para que o pensamento “transformativo” ocorra, pedem-se as mentes de, pelo menos, duas pessoas. A ele podemos conceber poderes cicatrizantes.

Neste texto, acabo por atribuir luminosidade a alguns momentos específicos em que se apresentou cada um dos pensamentos, assim como também para as formas lúdicas e sonhantes vinculadas à tecitura de alguns deles. Não posso deixar de fazer a observação de que essa característica de texto que distingue os modos de pensar separadamente

se dá meramente para inspeção das reflexões de Ogden, pois sabemos que as luas-pensamento, dada sua complexidade, não se localizam em pontos singulares nem se apresentam de forma única, determinista e linear, mas sempre em condição dançante.

Trago, a seguir, um olhar sobre minha relação com um menino de 7 anos, normalmente tristonho, recluso e bravo. Porém, alguém que também sabia se mover pelos espaços do afeto, ser sensível e aberto ao novo.

Em circunstâncias nas quais se encontrava com maior leveza, cantava algo, para si ou para mim, muito provavelmente para nós. Isso acaba por justificar minha inserção de trechos musicais a nos acompanhar nesta leitura, como uma possível forma cantante de homenagear os momentos de encontro que tivemos.

Nesta rua tem um bosque que se chama solidão

Dentro dele, dentro dele mora um anjo
Que roubou, que roubou meu coração
Se eu roubei, se eu roubei teu coração
Tu roubaste, tu roubaste o meu também
Se eu roubei, se eu roubei teu coração
É porque, é porque te quero bem.

– Canção popular infantil, “Se esta rua fosse minha”

De cara fechada, Luquinha entrava cabisbaixo para o nosso encontro. Olhos ao nada, ombros cerrados. Tinha um jeito silencioso de quem havia desistido, e cuja aparente arrogância não via sentido em se relacionar. Suas palavras escassas e cruas traziam uma sombra da descrença, como um nada por vir. Era visto por seus pais como alguém com limitações de atenção e transtornos comportamentais que não teria a chance de dar certo na vida.

Parecia estar familiarizado com o áspero.

Com a fisionomia sempre trombuda, seu pai era de uma truculência e severidade explícitas. Mandava, criticava, punia. Parecia ter medo de uma afetividade que se escondia, timidamente, por trás da brutalidade relacional.

Rebelde, a mãe não aceitou tais critérios submissos de relação e se separou do marido, com o que parece ter também se divorciado do filho. Vivia a vida que lhe cabia, trabalhando avolumadamente ou se entregando a outros namoros, relegando a relação com Luquinha a um contexto de impaciência revelada.

Ele era um inteligentíssimo menino, calado e descrente, que nadava nas águas do abandono.

Até que, um dia, um nosso modo de proceder acordou certas possibilidades de maior entrega e disponibilidade na relação. Ao entrar em nossa sala, correu para a minha cadeira. Assim eu o deixei e ocupei o seu lugar. Trocamos de posição. Como resposta à sua pergunta “o que você está sentido?”, eu deitei minha cabeça por entre meus braços dobrados sobre a mesa, como era costume que ele fizesse, imitando-o, e escondi meu

rosto silenciado. Violei o *setting* original. Me surpreendi com minha postura, aparentemente de abstenção e renúncia. Fiz também uma associação ao *gesto espontâneo* descrito por Winnicott (1987/2017). Acabei por me questionar ambigualmente se, nesse momento, compartilhávamos uma disritmia psíquica sem representatividade, ou se tentávamos simbolizar sua insuportável experiência de não ser visto.

Aquele menininho à minha frente, provavelmente assustado com o inusitado, conseguiu, ainda assim, continuar nossa “brincadeira” e disse: “vai, diz – o que você tem? Eu sou o psicólogo hoje!”.

Ao que eu respondi que não queria conversa, plagiando novamente seu jeito habitual de ser, e retornando à minha posição escondida. Ele continuou: “ah, não! Assim é chato! Muito difícil esse negócio de ser psicólogo...”.

Ergui então o meu rosto e esbocei um sorriso maroto em meu olhar. Voltei a me esconder. Brincava com ele como a lua gracejou comigo. Algo da ordem da cumplicidade se apoderou de nós. Intuitivamente, a partir de uma ação interpretativa ainda inconsciente em mim, estávamos derrubando um muro que nos ameaçava, cuja largura parecia ter começado a se amiudar.

Percebi que havia uma mudança em marcha, o que era opaco começava a se tornar transparente. Fazíamos uso da leveza para lidar com nossa densidade e incompletude. Estaríamos nós efetivando a afetividade?

A brincadeira se instalou, e continuamos o teatro da troca de papéis. A alegria foi ganhando volume. A lua tinha mudado de lugar.

A partir de então, começou a conversar comigo. Trazendo o notebook para a sessão, com seu jogo preferido, me contava sobre a dificuldade de vencer o personagem do grande dragão que cuspia fogo e fazia desmoronar as pontes necessárias ao avanço das novas fases. Em nossas conversas sobre possíveis estratégias de combate, se enchia de desafio e chegava para o próximo encontro se referindo aos seus sucessos e às conquistas das novas etapas. Ultrapassava barreiras diante do monstruoso dragão que o aterrorizava.

Escondidas por trás de grossas camadas defensivas, Luquinha era dono de sensibilidade e coragem definidas. Seus sonhos extraviados estavam encontrando um vilarejo, para além do bosque escuro chamado solidão.

O encontro engrenou, e nele o afeto bordado acabava por ser (com)sagrado.

Caminhos à construção do pensamento transformativo, vinhetas de um par de sessões

Um lugar deve existir
Uma espécie de bazar
Onde os sonhos extraviados
Vão parar

– Chico Buarque e Edu Lobo, “A moça do sonho”

Onde encontraríamos “uma espécie de bazar” que guarda o que há de mais precioso em nosso mundo interno e possa, ao mesmo tempo, ser gerador de pensamentos? Procurávamos, Luquinha e eu, por esse lugar. Era final do chuvoso março e estávamos em áreas encharcadas de tentativas de comunicação, como anteparo aos espaços de aridez emocional.

Mesmo antes do início da sessão, ouço seus gritos raivosos na sala de espera. Estava brigando com a mãe. Esta, assim que abro a porta para chamá-lo, já faz uma observação de que ele estaria bravo demais.

Ele entra rápido, com a cara muito fechada e falando em tom elevado que era mentira dela, que não estava bravo coisa nenhuma. Senta escondendo o rosto por entre os braços ao deitar a cabeça sobre a mesa, como tantas outras vezes.

Eu lhe digo que parece que tem alguma coisa chata acontecendo com ele, que seguidamente me responde que não tem nada. Sua raiva incontida salta de seu corpo e ganha expressão no alargamento abrupto dos movimentos dos braços. Nesse ímpeto, involuntariamente, acaba por derrubar alguns objetos que se encontravam sobre a mesa. Lápis, borracha e uma pequena miniatura de Freud com charuto na mão e olhar profundo. Começa a catá-los e, assim que os coloca sobre a mesa, volta à posição original, ocultando-se.

Eu estava em silêncio, respeitando seu momento de transbordamento, quando olho para Freud e o vejo não quebrado, mas entortado pela queda. E tento resgatar Luquinha de seu esconderijo dizendo: “ih! O Freud ficou envergado para a frente! Olha o que aconteceu com ele!”.

Ele ergue a cabeça e pega imediatamente a miniatura em sua mão, tentando endireitá-la, mas não tem êxito. Continuo, então: “ele não quer voltar, envergou para a frente igual você, né!”.

Nesse momento o aciono, e ele me olha com uma tímida expressão de riso, mas instantaneamente retorna as sobrancelhas franzidas ao centro de sua testa ao abaixar a cabeça novamente.

Penso que não se desperdiçam possibilidades inaugurais de encontros e faço uso de uma pequena fenda aberta ao lhe dizer: “já vi que a conversa não vai sair, então que tal um bilhete de segredos hoje?”.

Pego uma folha em branco e a coloco sobre a mesa, virando minha cadeira de costas, como a sugerir que ele teria tempo para escrever ou desenhar o que desejasse, se assim o quisesse, sem ter meus olhos sobre ele. Penso posteriormente na inspiração do *jogo do rabisco* de Winnicott (1971/1984). Após certos intervalos de tempo, eu lhe pergunto, ludicamente, se posso olhar, como em brincadeiras de pique-esconde. Ele começa a me responder vivamente: “ainda não!”.

Olhando para a parede, eu ouço o barulho de um material com o qual ele mexia. Nasce um incômodo em mim, amparado por uma fantasia e sensações de que ele poderia jogar algo em minha cabeça. Eu sonhava, no campo somático, a comunicação de agressão sentida por Luquinha ao longo de sua vida, para que houvesse ali uma

representação. Usando o modelo bioniano, poderíamos chamar de *rêverie* sensorial o que eu sentia, a fim de que eu entrasse em seus subterrâneos e construísse um sentido ao informe. Tentei manter meu *setting* interior e, a partir de certo nível de confiança na sua amorosidade, permaneci de costas.

Luquinha então espalha varetas sobre o papel que lhe entreguei e começa a jogar sozinho, pegando várias delas. Pega inúmeras varetas e, somente depois de um tempo, me convida para virar a cadeira e dar continuidade ao jogo.

Percebo minha raiva e sentimento de traição, identificando-me com ele novamente. E lhe digo: “eu inicio somente agora, depois que você já pegou quantas quis?”.

Ao que ele me retorna: “ah! Tá bom, pode parar, você já mexeu, é minha vez de novo!”.

E, dessa forma, prossegue o jogo sozinho, estabelecendo suas vitórias consecutivas até a derradeira.

Há, no pensamento “mágico” revelado, um certo delírio de que não se está sujeito às leis que se aplicam aos outros. Luquinha, nesse momento, mergulhado em fantasias de onipotência, constrói um efetivo ilusório, alterando qualquer vestígio da realidade perturbadora e assim desfazendo a diferença entre a realidade interna e externa. Sua necessidade de controle não nos permitia a parceria. Imerso nesse *antipensamento*, reduz significativamente a experiência que poderíamos ter, até quase me fazer sumir.

Nessa conjuntura, observo que a folha que lhe dei como tentativa de mantermos um diálogo está com respingados de um limpa-vidros que eu mantinha sobre a mesa. Imagino que, enquanto eu estava de costas, ele devia ter mexido nele. Vejo também que o líquido danificou o papel em dois lugares.

Restauro minhas possibilidades sonhantes e pego a folha, faço um furo com uma das varetas em cada círculo molhado. Com essas fendas que fiz, acho que devo ter comunicado a ele minha raiva, como vivência de um *fenômeno intersubjetivo* no qual havia algo em conjunto, sentido tanto pelo analisando quanto pela analista.

Juntamente, porém, havia a proposta de que, apesar desse sentimento, eu me dispunha a continuar, o que dá origem ao início de meu desenho. A partir dos furos, contorno-os com lápis e elaboro dois olhos, complementados logo abaixo por uma boca em “u” invertido, perfazendo uma cara bem brava. Sobre a testa, faço um cabelo enrolado.

Essa proposta é aceita por Luquinha, que começa a se envolver, dando continuidade ao meu traçado. Risca o cabelo, como que na tentativa de alisá-lo, para assemelhar-se com o seu. Faz sobrancelhas tristonhas, rugas na testa e barbas no queixo. Por fim, arremata o desenho com uma lágrima a cair de um dos olhos. O líquido que inicialmente furou o papel ganha agora o seu sentido real de tristeza derramada.

Fico emocionada nesse momento e “escuto” a dor profunda daquele menino. O sentir tem uma liberdade de aproximação do que ainda não se revelou em transparência. Busca por aparição.

Ele vira então a folha e faz outro desenho usando os mesmos buracos dos olhos que eu havia feito no verso. Delineia um homem que vai mudando sequencialmente de fisionomia. O relata como estando feliz, bravo, folgado, “cabeça de ovo” e, por fim, parecido com seu pai.

Nos divertíamos juntos, diante daquele instante. Vivíamos a potência da experiência emocional compartilhada. Tudo acabava por se ajeitar, porque o pensamento “onírico” não falha em suas habilidades. Luquinha me contava de sua experiência sob diversos pontos de vista, com conversas inconscientes entre seus vários “eus”.

Permitindo uma mudança em sua maneira de estar junto a mim, passa assim a sonhar suas experiências perturbadoras.

Coloca o papel diante do rosto, como se fosse uma máscara, e me olha atentamente pelos buracos. Tinha olhos de brincar. Eu viro a folha e faço o mesmo. Digo: “muito prazer, Luquinha! Agora estou vendo você um pouquinho mais!”.

Ele ri muito e propõe que na próxima sessão façamos as histórias sobre o que estávamos vivendo. Cantarola algo, baixinho.

Em nosso retorno ao próximo encontro, pede para que eu pegue um papel e caneta para escrevermos juntos a história desejada. A proposta, naquele momento, consistia em que eu escrevesse o conto que ele inventasse. Assim foi feito, e o enredo se desvelou desta forma:

Era uma vez um homem que tinha uma testa muito grande, que até parecia uma lua ou um ovo, e por isso ele sofria bullying. Então ele não sabia o que sentia direito, porque era muito inteligente, mas mesmo com toda sua inteligência não sabia o que fazer com a história do bullying.

Então cada hora ele sentia uma coisa diferente. Tinha uma raiva muito grande, depois um tanto de tristeza, mas era misturado com alegria, e também ficava muito agitado e calmo ao mesmo tempo. Era uma grande confusão dentro dele.

Mas o homem, uma vez, de tão triste que estava, encontrou com um chinesinho de olhos quase fechados que, mesmo sem olhar direito para ele, entendeu sua tristeza. E o homem pensou naquilo que viu e voltou a ficar feliz. Moral da história: a tristeza passa.

Mas só passa se há encontro. Eu pensei sobre o quanto todos eram cegos diante de Luquinha, sem poder vê-lo em suas múltiplas essências. Me alegrei em ser, pelo menos, uma chinesinha de olhos semiabertos que, apesar de minhas dificuldades, ainda mantinha certos recursos capazes de enxergar suas confusões, tristezas e elaborações.

Naquele tempo e espaço, os olhos de Luquinha se tornaram inarredáveis, e eu senti a respiração do afago em meu rosto. Pois, se somos todos abastados em solidões, também os encontros verdadeiros nos provêm de humanidades. E foi nessa circunstância que pudemos até cantar juntos: “se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante, só pro meu, só pro meu amor passar”.

E, assim, passávamos juntos por essa rua, agora já ladrilhada.

Ele também era um chinesinho de olhos abertos para mim. Havia nele uma captação fina de momentos em que vivi significativa dor em minha vida, quando então ele ou selecionava uma lista de piadas para me alegrar, ou cantarolava baixinho: “pirulito que bate-bate, pirulito que já bateu, quem gosta de mim é ela e quem gosta dela sou eu”.

Sonhar e transformar, em uníssono, comporta a existência de milagres. Assim é o pensamento “transformativo”, que reconhece e transpassa aquilo que antes era limitado em categorias de significados estrangulados, pré-estabelecidos e fixos, reconfigurando e ampliando-se a partir do encontro de duas mentes.

A psicanálise nos mostra que necessitamos fazer furos nos papéis que se anteparam ao olhar para o outro. Coragem para a dor, para o contato com o faltante, e fé ao novo que é semeado nos olhos de quem pode ver e ser visto.

Luas de São Jorge

Soltas na amplidão, as luas-pensamento dançaram e propuseram, o tempo todo, jogar sobre nós os seus mantos de luminosidade em noites escuras. Nos mostraram que o trabalho psíquico que realizamos ao longo de nossas vidas perpassa os três tipos de pensamento, em idas e vindas constantes, e que estamos sempre em trânsito entre um pensamento e um não-pensamento. Ora de olhos abertos, ora de olhos fechados. Cegos e videntes.

Nos contaram também sobre a sofisticação do pensar e sua relação direta com o *princípio da complexidade* e *da incerteza*, pois a amplitude do pensador o coloca em espaços de *cesura*, diante do inacabado e do incompleto. Assim, as luas-pensamento nos conduziram à sensibilidade diante de estados mentais em constante desdobramento.

Disseram que a coragem para o enfrentamento da realidade nos solicita a figura mítica de São Jorge, para o combate aos terríveis dragões que quebram pontes e impedem a mudança de fases.

Nos pediram a disponibilidade de olhos e coração abertos ao outro. Postularam hospitalidade ao diferente com sua alteridade, dores e recursos, sem fixação no passado ou no futuro, configurando uma ética para o desconhecido de cada momento.

Como fazem as crianças, que brincam em ruas ladrilhadas com pedrinhas de brilhante, Luquinha e eu pudemos entender que o encontro é uma reciprocidade amorosa consumada, gerador do pensamento transformativo inovador, como a lua deslumbrante bailarina, na janela negra do avião, sobre os sete mares.

Lua de São Jorge, lua deslumbrante
Azul verdejante, cauda de pavão
Lua de São Jorge, cheia, branca e inteira
Oh, minha bandeira solta na amplidão

...

Lua de São Jorge, brilha nas alturas
Brilha nos lugares onde estou e vou

Lua de São Jorge, brilha sobre os mares
Brilha sobre o meu amor

– Caetano Veloso, “Lua de São Jorge”

Sobre las múltiples lunas del cielo

Resumen: La autora describe la relación clínica que ha tenido un niño, mencionando el trabajo desarrollado por Thomas H. Ogden que se titula “Sobre tres formas de pensamiento”. A partir de un recorrido que pasa por el pensamiento “mágico”, el “onírico” y el “Transformador” va articulando su relación analítica y menciona que los encuentros no se consagran por ser lugares de certidumbre, sino que son de esperanza y de compartir. Sugiere que se acoja la idea de que el auténtico pensamiento no deja inmune lo que se sueña y viceversa.

Palabras clave: pensamientos, sueños, construcciones

On the many moons in the sky

Abstract: The author presents her clinical relationship with a child, referencing Thomas H. Ogden’s “On three forms of thinking”. Weaving her analytic relationship through magical, dreamlike, and transformative thinking, she notes that such encounters are not about establishing certainties but fostering hope and sharing. The author suggests embracing the concept that genuine thinking impacts what is dreamt and vice versa.

Keywords: thinking, dreams, constructions

Referência

- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Freud, S., & Ferenczi, S. (1994). *Correspondência* (C. Cavalcante e S. K. Lages, Trans.; Vols. 1-2). Imago.
- Lispector, C. (2000). *Água viva* [E-book]. Rocco Digital. (Trabalho original publicado em 1973)
- Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos* (D. Bueno, Trad.). Artmed.
- Ogden, T. H. (2012). Sobre três formas de pensar: o pensamento mágico, o pensamento onírico e o pensamento transformativo (A. François, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(2), 193-214.
- Pessoa, F. (2006). *Aforismos e afins* (M. Rocha, Trad.) [E-book]. Companhia das Letras.

- Rosa, J. G. (1994). A estória de Lélío e Lina. In *Ficção completa* (Vol. 1, pp. 717-802). Nova Aguilar.
(Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil* (J. M. X. Cunha, Trad.). Imago.
(Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (2017). *O gesto espontâneo* (L. C. Borges, Trad.). WMF. (Trabalho original publicado em 1987)

Ana Regina Morandini Caldeira

Endereço: Rua José Salomoni, 286. Franca/SP.

CEP: 14401-298

Tel.: (16) 99605-3135

E-mail: anacaldeirapsi@gmail.com